

PARA PENSAR O BOLSONARISMO: MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E ESTRATÉGIAS DE LINGUAGEM

Thinking Bolsonaro: Political Mobilization and Language Strategies

DOUGLAS GARCIA ALVES JÚNIOR*

dougarcia@rocketmail.com

“Complô contra a América” (*The Plot Against America*, de 2004), romance de Philip Roth, imagina a vitória de um candidato de extrema-direita nas eleições americanas de 1940, e começa com o seguinte parágrafo: “O medo domina estas lembranças, um medo perpétuo. Toda infância, é claro, tem seus temores, mas me pergunto se eu não teria sido uma criança menos assustada se Lindbergh não tivesse chegado à Presidência ou se eu não fosse filho de judeus”. Há aqui material importante que pode permitir um primeiro passo para pensar o período de ascensão política, vitória eleitoral e exercício da presidência de Jair Messias Bolsonaro no Brasil. Em primeiro lugar, o caráter de ficção histórica do livro de Roth chama a atenção para o onipresente caráter ficcional inserido na sociabilidade e na vida política brasileira nos anos recentes, marcados pelo bolsonarismo. Além disso, a coloração afetiva que marca a relação da experiência individual com o tempo histórico, especialmente quanto ao seu aspecto político e à relação com a autoridade social. Finalmente, o impacto da posição social de origem nas experiências que marcam a relação do sujeito não apenas com as características impessoalizadas do poder político, mas também o modo pelo qual cada um é visto e julgado pelos outros sociais, naquele campo chamado por Axel Honneth de “estima social” atribuída ao indivíduo como membro de um grupo social.

Com relação à experiência brasileira do bolsonarismo, cabe considerar o medo como *um dos* ingredientes dessa atmosfera afetiva. A qualidade afetiva dessa experiência ao mesmo tempo individual e coletiva é elusiva. É certo que a tonalidade afetiva da retórica de Bolsonaro depende de quem são os alvos por ela construídos. “Alvos” em dois sentidos diferentes: seus destinatários privilegiados são interpelados a expressar certos traços de sociabilidade por identificação, em primeiro lugar.

* Universidad Federal de Ouro Preto (Brasil).

Nesse sentido, são “alvos” de sua retórica aqueles a quem ele interpela em um sentido bastante abrangente: existencial, político, afetivo. Além disso, são “alvos” de seus discursos aqueles grupos sociais que são no ato mesmo da enunciação percebidos como perigosos, socialmente indesejáveis, ou destituídos de mérito social. Bolsonaro é um político loquaz. Se o esmero gramatical e a sofisticação teórica não são marcas da sua expressão linguística, não se pode dizer que ela não tenha sido eficaz. Para fins de análise, seria preciso encontrar uma fala pública de Bolsonaro que reunisse da maneira representativa seu repertório retórico, naquilo que tem de mais eficaz junto ao seu “alvo” no primeiro sentido acima indicado – e naquilo que tem de mais explícito no que diz respeito aos seus “alvos”, naquele segundo sentido.

No dia 03 de abril de 2017 – um ano e meio antes da eleição que o levaria à Presidência – Jair Bolsonaro falou a um público reunido no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro¹. A transcrição de trechos de suas falas é indispensável para dar uma amostra de como funciona a performance retórica de Bolsonaro:

“Eu fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem pra procriadores servem mais... Pode ter certeza, se eu chegar lá [na Presidência] não vai ter dinheiro para ONG. Esses inúteis vão ter que trabalhar... Se eu chegar lá, no que depender de mim, todo cidadão vai ter uma arma de fogo em casa... Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou quilombola... Não sou um candidato para agradar. Sou um candidato para falar o que tem de ser falado... Não devemos abrir as portas do Brasil para todo mundo. Torci e muito para Trump nos Estados Unidos... Tínhamos um outro energúmeno que não sabia contar até dez porque não tinha um dedo... Sala de aula, hoje em dia é para discutir o quê? Sexo, respeitar as diferenças!... Agora quando um policial elimina dois vagabundos a primeira coisa que outros vagabundos como esses que estão ali embaixo [referência a pessoas que estavam na audiência manifestando desagrado com suas falas] vão fazer é encontrar uma maneira de prender esse policial... Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Porque é uma raça que tem vergonha na cara.”

¹ Nesta ocasião membros da comunidade judaica carioca protestaram na porta do Clube Hebraica do Rio. “É um tapa na cara de todos aqueles que tiveram algum amigo torturado, todos aqueles que tiveram algum parente que morreu nos fornos crematórios”, disse Carlos Minc na ocasião. A íntegra do discurso de Bolsonaro na Hebraica está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=LPj4KyLw8Wc>. Acesso em 22/06/2023.

Antes de comentar o conteúdo das falas de Bolsonaro, é preciso dizer algo a respeito do aspecto corporal de sua performance. Sua voz é grave, alta, e seu tom imperativo transmite uma mescla do ardor sagrado dos indignados e da dureza dos que são portadores de ameaças. Sua estatura elevada e seu porte físico reforçam o efeito de sua voz e de seus gestos amplos, produzindo uma presença enérgica. Algo como uma mistura de um profeta e de um soldado. A analogia ganha em verossimilhança quando se assiste a um trecho do registro audiovisual da fala de Bolsonaro na Hebraica. Trata-se de uma performance de poder, em que o corpóreo alude imaginariamente ao estatuto inquestionável de sua autoridade *peçoal*. Ao perceber que é confrontado por alguém na audiência, ele adota um tom ameaçador e ao mesmo tempo (supostamente) permissivo, como se a pessoa interpelada pudesse escolher entre a possibilidade (sugerida) de ser retirada à força do local, ou permanecer calada no recinto. Transcrevo a seguir a fala de Bolsonaro na ocasião. Após o elogio aos “japoneses” por sua “vergonha na cara”, ele diz: “... não é igual a essa raça que tá aí embaixo [aponta para a audiência], uma minoria que tá ruminando aqui do lado... ninguém é obrigado a ficar aqui não!”

Os trechos das falas de Bolsonaro na Hebraica formam um amálgama confuso de representações, dotado, contudo, de grande eficácia simbólica². Esse é o nó cego ideológico, o fenômeno político que é preciso entender. Trata-se de um cruzamento heteróclito de temas, eficaz não apenas pelo que diz, mas também pelo que alude *sem* dizer. É preciso tentar reconstituir o modo como essa totalidade simbólica é composta e ganha eficácia. Em uma primeira tentativa de aproximação, poder-se-ia dizer que o subtexto ideológico urdido por Bolsonaro veicula *em negativo* a forma de uma ficção autocongratatória. Ela poderia tomar o seguinte aspecto imaginário: “o Brasil é uma terra abençoada, com grandes riquezas naturais e um povo ordeiro e trabalhador. Infelizmente, pessoas inescrupulosas se aproveitaram disso para benefício próprio, injustamente. Essas pessoas inescrupulosas, os políticos, assumiram o poder. Essa é a causa da crise econômica, social e de segurança pública do Brasil. A solução dos problemas brasileiros é devolver o poder político à maioria de seu povo, honesta e trabalhadora, por meio de um representante que

² Repetidas nas redes sociais, em plataformas digitais como Youtube, Facebook, Instagram, Telegram, Twitter e WhatsApp (um aplicativo de troca de mensagens que possui uma amplitude de rede social no Brasil), suas performances discursivas geram engajamento e compartilhamentos que atingem milhões de pessoas. Dados da consultoria Bites em abril de 2023 atribuem 63 milhões de seguidores a Bolsonaro nas redes sociais.

encarne os mesmos valores que ela. Nesse processo, é provável que algumas minorias tenham seus interesses contrariados, mas é um preço justo a se pagar para a unidade, a ordem e o progresso do país. A coisa certa a fazer é confiar o poder a um homem honesto, trabalhador e religioso, uma vez que a causa dos problemas do Brasil é a falta de moralidade pessoal dos políticos no poder e das pessoas que usufruem injustamente dos privilégios a elas conferidos por esses políticos. Bolsonaro é um homem do povo (e não um político), honesto, trabalhador e religioso. Logo, o honesto, correto e justo a fazer é votar nele”.³

Essa reconstrução imaginária (por via negativa) do “bom brasileiro” é uma tentativa de captar o apelo ideológico “positivo” do discurso de Bolsonaro, no que ele tem de convincente junto ao seu público, ao seu “alvo” naquele primeiro sentido anteriormente mencionado. A chave operativa desse discurso é que ele constrói uma “boa” imagem do então candidato ao mesmo tempo que fornece a essa audiência (por via negativa) uma imagem positiva de si mesma. Como sua votação em 2018 atestou, essa audiência foi muito maior do que a do Clube Hebraica do Rio de Janeiro naquela noite de 2017. A estratégia retórica de Bolsonaro é astuta e opera por via negativa. Ao invés de fornecer direta e imediatamente uma imagem congratulatória de seu público, ou seja, ao invés de mostrá-lo, em um primeiro plano, como aquilo que há de mais “positivo”, ele inverte o caminho. Bolsonaro fornece diretamente uma imagem degradada e ameaçadora do seu *antipúblico* à sua audiência. Assim, a eficácia retórica é aumentada: um público que facilmente poderia sentir-se bajulado por alguém capaz de simular simpatia, tem, com esse tipo de discurso de Bolsonaro, uma espécie de prova de “autenticidade”. Bolsonaro ganha uma aura de sinceridade quando, ao invés de pintar uma imagem positiva de seu público, passa a desenhar um grande painel de toda a pretensa negatividade do seu *antipúblico*, isto é, daqueles que seriam o negativo (imaginário) do seu público. Uma aliança, assim, é formada. Seria necessário entender *qual* tipo de aliança é esse⁴.

³ Esse apelo, não é preciso dizer, funcionou amplamente. Bolsonaro teve mais de 57 milhões de votos e venceu a eleição presidencial brasileira em 2018.

⁴ Na perspectiva de análise das estratégias retóricas de Bolsonaro, é possível fazer uma distinção entre audiência, público e antipúblico. Se a *audiência* é limitada ao conjunto de pessoas fisicamente presentes a seus pronunciamentos, o *público* é formado pelos conjuntos de pessoas que consomem trechos de suas falas, performances e imagens nas mais diversas plataformas digitais, de modo contínuo, compartilhado e engajado em sua difusão. O *antipúblico* de Bolsonaro, por sua vez, engloba todos aqueles que ele venha a aludir em seus discursos como não-dignos de pertencer ao seu público, os antípodas da ficção discursiva do “cidadão de bem”, e que estão de antemão, destinados

Considerando o discurso de Bolsonaro em seu nível manifesto, é preciso tentar destacar os seus componentes e apontar quais são os seus alvos naquele segundo sentido anteriormente mencionado, isto é, no sentido do *antipúblico* que seu discurso constrói. Em primeiro lugar, em “Eu fui num quilombola [isto é, a um quilombo⁵] em Eldorado Paulista⁶. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem pra procriadores servem mais...” Essa fala, composta de frases curtas, compõe uma sequência de significantes: “quilombola - afrodescendente - sete arrobas - não fazem nada - procriadores”. É evidente que essas frases não compõem um argumento e não possuem um valor semântico. Elas são uma interpelação, visam um efeito *perlocucionário*⁷, de provocar determinadas crenças e atitudes em seus ouvintes. A sequência cerrada de significantes é o que conta, quase como se fossem tijolos verbais lançados à audiência. Em um plano semântico que buscasse coerência interna entre esses proferimentos, seu conteúdo imaginário poderia ser reconstituído aproximadamente em algo como: “os brasileiros descendentes dos antigos escravizados que hoje vivem em quilombos desfrutam da posse de terras valiosas, posse que representa um privilégio injusto a eles concedidos pelo Estado brasileiro⁸. Não há produtividade econômica nelas, o que permite pensar que essas terras deveriam ser postas à disposição de bons brasileiros, empreendedores e trabalhadores”. O conteúdo ideológico desse trecho é francamente injurioso. Ele só pode funcionar simbolicamente se for aceito

a ser excluídos do reconhecimento de direitos e da estima social. Se essa delimitação é uma operação imaginária do discurso de Bolsonaro, ela tem, contudo, efeitos reais sobre a percepção social em relação ao modo como os indivíduos de grupos minoritários serão vistos e sobre o modo como serão efetivamente tratados pelos poderes do Estado.

⁵ Os quilombos remontam às comunidades formadas entre os séculos XVII e XIX: “eram comunidades formadas por escravos fugidos. Nessas comunidades, os escravos refaziam suas vidas à margem do cativo. Lá construía famílias, estabeleciam laços de amizade, plantavam, criavam animais e chegavam a comercializar com povos indígenas que habitavam as redondezas ou então com os vilarejos próximos” (Santos, 2017: 224ss). A narrativa de Bolsonaro sobre os quilombos de Eldorado Paulista é corrigida pela reportagem de Juliana Domingos de Lima (2022).

⁶ Eldorado Paulista, no interior de São Paulo, é a cidade onde Bolsonaro passou a infância e viveu até os 18 anos. A configuração social da região onde Bolsonaro cresceu entre as décadas de 1960 e 1970 é reconstituída por Carol Pires, em trabalho jornalístico que resultou na série de *podcast* intitulada “Retrato Narrado”, publicada na plataforma Spotify, em 2020.

⁷ Conforme a noção introduzida por Austin (1990), em “Quando dizer é fazer”, que caracteriza os atos perlocucionários pelas “consequências do ato em relação aos sentimentos, pensamentos e ações da audiência, ou do falante, ou de outras pessoas, e pode ter sido realizado como o objetivo, intenção ou propósito de gerar essas consequências” (89s.).

⁸ A Constituição brasileira de 1988, no artigo 68 dos “Atos das Disposições Constitucionais Transitórias”, reconhece a propriedade das terras dos remanescentes das comunidades quilombolas no Brasil: “Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

por um público que o tome como a representação verossímil de um *antipúblico*, isto é, da contraimagem do “bom brasileiro” que trabalha muito e “não vive às custas” do Estado. O complemento imaginário dessa fala é dado por aquele trecho que alude a um “bom outro”, anteriormente citado: “Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Porque é uma raça que tem vergonha na cara”. Os “japoneses”, nessa alusão, representariam uma espécie de “nós ideal” do público que essas falas interpelam.

Há um componente de animalização na fala de Bolsonaro que deve ser indicado. “Sete arrobas” alude à medida usada no Brasil para pesar o gado. “Não serve nem pra reprodutor” alude ao manejo reprodutivo de animais. Bolsonaro relaciona esses termos aos brasileiros afrodescendentes. Trata-se um proferimento desumanizador que rebaixa imaginariamente a estima social desse seu *antipúblico*. Esse discurso pode ser assimilado pelo seu público por meio do *não-dito* que ele veicula. Cabe aqui, lembrar a expressão usada, em outro contexto, por Roberto Schwarz: uma “cerimônia de superioridade social” (2012: 20). Ao construir imaginariamente esse *antipúblico*, ele convida o seu público a partilhar de uma fantasia de primazia social e “nacional”. A divisão que opera por alusão negativa impulsiona certo sentido de identidade pessoal e coletiva daqueles que passam a se contar entre os “bons brasileiros”. Voltaremos a esse assunto, mais adiante. Por ora, basta assinalar que uma das estratégias retóricas de Bolsonaro corresponde ao uso de formulações injuriosas contra grupos e minorias, que, no entanto, como proferimentos perlocucionários, são capazes de “deslizar” de um sentido manifesto negativo e excludente para um sentido latente positivo e integrador – isso, é claro, conforme o público interpelado. Nesse sentido, as falas de Bolsonaro aqui reproduzidas poderiam ser assimiladas por diferentes parcelas de um público identificado com um neoliberalismo econômico radical, contrário a qualquer tipo de políticas públicas.

Há um episódio da terceira temporada de *Black Mirror* chamado *Men against fire*⁹ que permite pensar no entrelaçamento entre mediação digital, construção da experiência subjetiva e alienação da alteridade. Nele, em um futuro próximo, uma unidade militar persegue e mata criaturas mutantes, de aparência ameaçadora, que são chamadas de “baratas” (*croaches*). Esses soldados (homens e mulheres) possuem implantes neurais, equipamentos de alta tecnologia, chamados “máscaras”, que

⁹ “Men against fire” (*Engenharia reversa* é o título brasileiro), de 2016, é o quinto episódio da terceira temporada da série britânica *Black Mirror*. Foi escrito por Charlie Brooker e dirigido por Jakob Verbruggen.

conectam informações digitais, bancos de dados e transmissões *online* de câmeras de drones diretamente ao seu cérebro. Eles têm, assim, visão expandida imediata. Esse equipamento é de grande ajuda para realizar sua perseguição e extermínio das “baratas”. Após um confronto direto com um grupo dessas “baratas”, Stripe, um desses soldados, passa a ter sonhos e experiências sensoriais diferentes das de seus companheiros, como sentir o cheiro da grama. A consequência dessas alterações perceptivas será mostrada na próxima ocasião de confronto com as “baratas”. Stripe passa a enxergar seus alvos militares não como “baratas”, e sim como seres humanos, pessoas frágeis e assustadas, homens, mulheres e crianças. Surpreso, ele descobre que os outros colegas militares continuam a ter as mesmas percepções dessas pessoas como “baratas” e a matá-las impiedosamente. Prestes a comprometer a operação, Stripe é ferido por Ray, uma companheira de pelotão, e levado de volta ao centro de operações.

A unidade militar a que Stripe é conduzido em *Men against fire* tem todas as características de um centro de treinamento militar. Há uma certa ambiguidade nisso, no entanto. Ao invés da bandeira de um país, o que aparece nos prédios e nos uniformes é o logotipo de uma companhia “V”. Além disso, há salas luxuosamente decoradas e uma ambientação de empresa de alta tecnologia. Ao ser desligado da operação e confinado a uma cela individual, Stripe perde o status de militar de uma unidade de elite. Durante o confinamento, Stripe recebe a visita de Arquette, um misto de psiquiatra e CEO, que lhe oferece uma operação de desvelamento ideológico. Stripe se desespera por haver constatado que as “baratas” sempre foram, na verdade, seres humanos. Arquette confirma sua constatação sem o menor pudor: “é claro que são seres humanos”. Stripe está perplexo: por que seria permitido matar seres humanos? A lição de Arquette a Stripe contém duas teorias: uma teoria da *empatia* e uma teoria *genético-populacional*. A primeira explica o funcionamento da “máscara”, o sofisticado equipamento neuro-interativo. A máscara é um “melhoramento” não apenas em um plano cognitivo – banco de dados e visão expandida integrada a câmaras de drones – mas também sensorial – a máscara neutraliza sensações olfativas, e aplica um filtro monstruoso à visão dos soldados, fazendo com que determinadas pessoas (previamente selecionadas) sejam vistas como “baratas” – e, o que é mais importante, em um sentido afetivo: a máscara funciona neutralizando sentimentos de *empatia* que eventualmente possam impedir o morticínio desses seres. O equipamento de “máscara” de Stripe sofrera algum tipo de avaria, o que lhe permitiu restituir suas capacidades sensoriais e afetivas, e a ver

seus “alvos” supostamente tidos por “baratas” como seres humanos que são e a sentir aversão por infligir a sua morte. A segunda teoria de Arquette é genético-populacional. Os indivíduos e populações designados como “baratas” devem ser exterminados pelo bem maior da humanidade. A razão para isso é que eles contêm todo tipo de “lixo genético” (nos dizeres de Arquette), isto é, de predisposição para graves doenças. Seu assassinato, aparentemente um mal, seria, na verdade um bem, em vista da erradicação de doenças para as futuras gerações. A lição de desvelamento ideológico é completa: apenas os dirigentes devem saber a verdade das coisas. Os executores, os soldados, devem se manter sob o direcionamento – e o que é muito mais importante: sob a segurança física e mental, está implícito na lição de Arquette – fornecido pela “máscara”, que os mantém triplamente alheios ao conhecimento do verdadeiro estado das coisas: por ignorância cognitiva, por alteração perceptiva e por manipulação afetiva.

As performances retóricas de Bolsonaro apelam ao que seria um desejo latente de entrega ao que no episódio de *Black Mirror* corresponderia à “máscara”: a dissolução do eu em um aparato simbólico capaz de operar continuamente uma integração dos aspectos perturbadores da realidade psíquica e social em um fluxo imaginário organizador, autoassegurador e prazeroso. Imune a toda cisão imaginária, desligado de toda percepção, conhecimento ou experiência afetiva que pudesse apontar as contradições entre os valores idealizados pelo sujeito e suas ações efetivas, o membro ideal do “público” de Bolsonaro é alguém capaz de incorporar os elementos mais perturbadores de sua retórica integrando-os a um dispositivo de configuração da percepção de si e do mundo social. Assim, as distinções existenciais e políticas bom/mau, feio/bonito, familiar/estrangeiro, nós/eles – a lista pode ser ampliada, mas sempre no modo de uma estrutura dicotômica e assimétrica – são tomadas não como pontos de referência relativizáveis e que podem ser problematizados e alterados em um processo racional de discussão, mas como estruturas absolutas e inalteráveis¹⁰ de doação de sentido integral (cognitivo, sensorial e afetivo) à experiência.

A potência de mobilização pública de Bolsonaro atinge seu auge no dia 7 de setembro de 2021. No terceiro ano de seu governo, Bolsonaro tem assegurado um

¹⁰ Lembre-se aqui do conceito de falseabilidade, de Popper (sem que isso signifique aqui um compromisso abrangente com sua epistemologia): essas estruturas abrangentes de apreensão do mundo não são falseáveis para seus “usuários”, uma vez que, para eles, não é admissível experienciar uma situação em que suas crenças e atitudes pudessem ser confrontadas com estados de coisa objetivos que pudessem indicar o seu erro.

ecossistema de comunicação digital que difunde suas falas e visões sobre a pandemia de Covid-19, a questão da mudança climática, os direitos humanos, o “globalismo” e de tudo mais que se apresentar como pauta – sempre em uma chave dualista, polarizante, e que hierarquiza seus termos sempre a partir da perspectiva do “cidadão de bem” que ele havia construído desde aquela palestra na Hebraica do Rio de Janeiro, em 2017. Por outro lado, o futuro o inquieta: a retomada da economia não vem, o desemprego continua em níveis altos, o preço crescente dos combustíveis e dos alimentos são fatores que pressionam negativamente sua popularidade. Investigações e inquéritos abertos contra Bolsonaro e seus apoiadores, em diversas instâncias, mas sobretudo no Supremo Tribunal Federal, ameaçam o *modus operandi* de suas bem-sucedidas estratégias de comunicação digital. Por último, a anulação das condenações de Lula, confirmada pelo STF em abril daquele ano, e que permitiu que o ex-presidente voltasse a postular a eleição em 2022 foi o ingrediente que faltava para Bolsonaro perceber a possibilidade da derrota eleitoral no ano seguinte e voltar seu arsenal retórico para uma nova série de batalhas simbólicas.

Será preciso transcrever um trecho mais longo da fala de Bolsonaro em 7 de setembro de 2021, na Avenida Paulista, em São Paulo¹¹:

“Nós devemos, sim, eu falo em nome de vocês, determinar que todos os presos políticos sejam postos em liberdade... Liberdade para os presos políticos. Fim da censura. Fim da perseguição àqueles conservadores, àqueles que pensam no Brasil. Dizer mais a vocês: nós acreditamos e queremos a democracia. A alma da democracia é o voto. Não podemos admitir um sistema eleitoral que não oferece qualquer segurança por ocasião das eleições. Dizer também que não é uma pessoa no Tribunal Superior Eleitoral que vai nos dizer que esse processo é seguro e confiável, porque não é. Não podemos admitir um ministro do Tribunal Superior Eleitoral também usando a sua caneta para desmonetizar páginas que criticam esse sistema de votação. Nós queremos eleições limpas, democráticas, com voto auditável e contagem pública dos votos... Hoje temos uma fotografia para mostrar para o Brasil e o mundo. Não de quem está agora nesse carro de som, mas uma fotografia de vocês. Que as cores da nossa bandeira são verde e amarela... E não vamos mais admitir que ministros como Alexandre de Moraes

¹¹ O registro audiovisual do discurso de Bolsonaro na Avenida Paulista em 07/09/2021 está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KudkxDf1fVI>. A sua transcrição completa, por sua vez, pode ser encontrada em: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-no-ato-de-7-de-setembro-em-sao-paulo/>

continuem a açoitar a nossa democracia e desrespeitar a nossa Constituição... Lá atrás, quando sentei praça no Exército Brasileiro, jurei dar minha vida pela pátria. E tenho certeza que vocês todos, também de forma consciente, juraram dar sua vida pela sua liberdade... Enquanto vocês estiverem ao meu lado, eu estarei sendo porta-voz de vocês.... Cumprimento patriotas que estão em todos os lugares desse nosso imenso Brasil hoje se manifestando por liberdade... Temos uma pátria que ninguém tem, e vocês sabem do que nós estamos fazendo. Hoje, nós prestamos conta a vocês e não a partidos políticos.... O apoio de vocês é primordial, é indispensável, para seguiremos adiante. Nesse momento, quero mais uma vez agradecer a todos vocês, agradecer a Deus pela minha vida e pela missão. E dizer àqueles que querem me tornar inelegível em Brasília: só Deus me tira de lá. E aqueles que pensam que com uma caneta podem me tirar da presidência, digo uma coisa para todos: nós temos três alternativas: preso, morto ou com vitória. Dizer aos canalhas que nunca serei preso. A minha vida pertence a Deus, mas a vitória é de todos nós. Muito obrigado a todos. ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’”.

O discurso da Avenida Paulista aglutina boa parte dos operadores simbólicos da segunda metade do mandato de Bolsonaro. É possível pensar que seus discursos, a partir daí, mobilizarão cinco tipos de operações retóricas: identificação mimético-metonímica, inversão de legalidade e arbítrio, dissolução das mediações, sacralização carismática da liderança e apelo à mobilização permanente. Do ponto de observação histórica que temos após as eleições de 2022, sabemos que foi uma aposta arriscada, mas que se mantinha no horizonte de racionalidade política de Bolsonaro, que confiava que o processo de mobilização contínua de um público fiel à sua *persona* lhe levaria a um resultado favorável nas eleições do ano seguinte. Desse “nós contra eles”, Bolsonaro esperava o mesmo efeito eleitoral de 2018¹². O “problema”, do ponto de vista de Bolsonaro, é que seu oponente político crescia¹³. Era preciso superar esse crescimento do “outro”, com um crescimento ainda maior de sua base eleitoral. Quem observasse as falas de Bolsonaro em 2021 poderia perceber uma inflexão em seu discurso, que passou a repetir a tese de que, se viesse a perder as eleições no ano seguinte, não se trataria de uma verdadeira derrota eleitoral, mas de uma fraude, isto é, de uma “prova” que o sistema de votação eletrônica

¹² A estratégia tinha sua razão de ser: sua votação foi significativa o suficiente para igualar e até mesmo superar por pequena margem a votação de 2018 – mas não para vencer o pleito.

¹³ Seu oponente político, Lula, veio efetivamente a vencer as eleições de 2022.

estaria corrompido para desfavorecê-lo. Se ele viesse a vencer, a voz do povo teria sido ouvida. Se ele viesse a perder, teria sido fraude – arquitetada ou permitida – pelo Tribunal Superior Eleitoral, com a complacência do Judiciário e, no limite, do Legislativo. A partir desse momento, Bolsonaro se arrisca, ao menos no plano da comunicação pública, a um confronto com a institucionalidade.

Bolsonaro aposta alto nesse novo tipo de mobilização discursiva. Para ele, trata-se de ser ainda mais incisivo na captação dos afetos e atitudes de seu público. Como desde o início se trata do estímulo a um processo de identificação excludente, será preciso, reafirmar ainda mais a identidade entre o líder e seu público, o “povo”. Por outro lado, será preciso consolidar e imantar negativamente a imagem de um antipúblico que ameaça a existência de ambos, líder e povo. Esse antipúblico terá, desde então, ora os contornos institucionais do Supremo Tribunal Federal, ora a pessoa de Alexandre de Moraes¹⁴, ministro do STF e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

O discurso da Avenida Paulista aposta em uma identificação mimético-metonímica entre líder e “povo” e em uma sacralização carismática da sua liderança. Esse líder será um indivíduo capaz de sofrer perseguições injustas com dignidade, e a suportá-las por amor ao Brasil. Assim, ele diz: “Fim da censura. Fim da perseguição àqueles conservadores, àqueles que pensam no Brasil”, aludindo a si e aos seus apoiadores, cuja liberdade de expressão nas redes sociais estaria sendo supostamente cerceada: “Não podemos admitir um ministro do Tribunal Superior Eleitoral também usando a sua caneta para desmonetizar páginas que criticam esse sistema de votação”. A identificação entre o líder e o povo é mimética, por lidar com um universo visual de cores, bandeiras e gestos que Bolsonaro capta e reelabora com clareza imagética para seu público: “Hoje temos uma fotografia para mostrar para o Brasil e o mundo. Não de quem está agora nesse carro de som, mas uma fotografia de vocês. Que as cores da nossa bandeira são verde e amarela”. Essa identificação é construída também metonimicamente, uma vez que a multidão de apoiadores reunida diante do líder, nessa construção discursiva, é a parte do Brasil que seria efetivamente o *todo* do Brasil: “O povo acordou ao longo dos últimos anos, cada vez mais, a onda verde e amarela... Isso não tem preço, o acordar de uma nação, é a

¹⁴ Alexandre de Moraes é ministro do STF desde 2017, e do TSE desde 2020. Ele assumiu a presidência do TSE em agosto de 2022. Bolsonaro teve quatro inquéritos abertos no STF durante o exercício de seu mandato. O ministro Alexandre de Moraes é o relator de todos eles, além de outros dois relacionados aos apoiadores de Bolsonaro: os inquéritos das *fake news* e o dos atos democráticos. Para um detalhamento do teor desses processos, cf. Castellar, 2021, e Brígido, 2021.

certeza que seremos grandes lá na frente”. Esse imbricamento de “povo”, líder e “pátria” é indissociável de um processo de sacralização da *persona* política de Bolsonaro. Processo que começara já no uso de seu segundo nome, Messias, que ele enfatizará em diversas ocasiões. A passagem pelo Exército, no discurso de Bolsonaro, funciona como uma etapa na construção do seu carisma, marcando-o como alguém disposto a grandes sacrifícios: “Lá atrás, quando sentei praça no Exército Brasileiro, jurei dar minha vida pela pátria”. A presidência, nessa perspectiva, seria o coroamento desse processo, que ele caracteriza discursivamente como uma “missão” sagrada: “Nesse momento, quero mais uma vez agradecer a todos vocês, agradecer a Deus pela minha vida e pela missão. E dizer àqueles que querem me tornar inelegível em Brasília: só Deus me tira de lá”. Assim, ele se põe diante do seu público como um indivíduo excepcional, veículo especial dos destinos da nação e dos desígnios de Deus. Com efeito, Bolsonaro fecha o discurso da Avenida Paulista com o principal bordão de seu mandato: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Na face *negativa*, por assim dizer, do processo de radicalização da mobilização discursiva de Bolsonaro, de construção imaginária de um *antipúblico*, tomam forma no discurso da Avenida Paulista, duas estratégias intimamente relacionadas, a saber, a da inversão entre legalidade e arbítrio, e a da dissolução das mediações. Aqui é o momento de lembrar um componente que não aparece nas transcrições do discurso de Bolsonaro, mas que é audível nos registros audiovisuais do evento: trata-se das palavras de ordem expressas pela sua audiência no 7 de Setembro de 2021, da Avenida Paulista: “Eu autorizo!” Essa permissão é concedida pelo “povo” ao seu líder e tem ao menos duas características principais: é geral e indeterminada. Pode assumir qualquer conteúdo e cobrir qualquer extensão. Cumpre notar que essa permissão é concedida a *uma pessoa* especial, Bolsonaro, por seu “povo”. É desse modo que já estão estabelecidas as premissas de uma dissolução das mediações institucionais e políticas usuais, substituídas imaginariamente pela *persona* de Bolsonaro. Ele se aproveita dessa confiança de seu público: “Nós devemos, sim, *eu falo em nome de vocês*, determinar que todos os presos políticos sejam postos em liberdade”. Na perspectiva discursiva de Bolsonaro, trata-se de inverter aquilo que é formalmente correspondente à legalidade – o fato de existirem inquéritos abertos para investigar apoiadores de Bolsonaro ativos nas redes sociais –, em arbítrio, em perseguição política e cerceamento da liberdade de expressão. O “eu autorizo” do público vai ao encontro da figura do líder que dispensa todas as mediações insti-

tucionais. Assim, Bolsonaro pode dizer: “Hoje, nós prestamos conta a vocês e não a partidos políticos”. O passo derradeiro dessa operação é dado por Bolsonaro quando ele passa a questionar o sistema eleitoral vigente: “Não podemos admitir um sistema eleitoral que não oferece qualquer segurança por ocasião das eleições”, e “nós queremos eleições limpas, democráticas, com voto auditável e contagem pública dos votos. Não podemos ter eleições em que pairam dúvidas sobre os eleitores”. A fim de lançar uma suspeita sobre o processo eleitoral, ele desloca a crítica ao sistema como um todo para a figura de Alexandre de Moraes, ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que passa a encarnar imaginariamente a nêmesis do bolsonarismo: “Dizer também que não é uma pessoa, não é uma pessoa no Tribunal Superior Eleitoral que vai nos dizer que esse processo é seguro e confiável, porque não é”, e “não vamos mais admitir que ministros como Alexandre de Moraes continuem a açoiar a nossa democracia e desrespeitar a nossa Constituição.”

O discurso de 7 de setembro de 2021 na Avenida Paulista é a epítome da mobilização permanente que guiou parte substancial do exercício da presidência de Bolsonaro entre 2019 e 2022. Talvez o seu governo possa ser descrito como uma sucessão de batalhas de comunicação. Toda a comunicação de Bolsonaro é pensada para reforçar o pacto de reconhecimento entre ele e o seu público, assim como para mobilizar continuamente o que poderia ser chamado de um pacto de *não-reconhecimento* entre Bolsonaro, seu público, ambos contra o seu *antipúblico*. No discurso da Hebraica já apareciam várias das figuras desse antipúblico: os indígenas, os quilombolas, os defensores dos direitos humanos, as pessoas favoráveis ao reconhecimento da diversidade humana em todos os seus aspectos. Há uma lógica nesse reconhecimento excludente, que busca sempre a rejeição da alteridade, das mais diversas formas.

Em abril de 2019, nos primeiros dias de seu mandato, Bolsonaro se insurge contra um vídeo de publicidade do Banco do Brasil, “uma campanha publicitária dirigida ao público jovem com atores que representavam a diversidade racial e sexual”¹⁵ (Wiziak, Uribe, 2019). O vídeo é retirado do ar. Ficava claro, ali, que o seu mandato seguiria a lógica da então recente campanha eleitoral. Segundo Renan Quinalha (2019), “antes mesmo de ser eleito, um dos alvos privilegiados dos ataques de Bolsonaro eram os homossexuais. Comprovação disso é o fato de haver, nos últimos anos, mais de uma centena de declarações homofóbicas do futuro

¹⁵ A peça publicitária do Banco do Brasil pode ser vista no YouTube em: <https://www.youtube.com/watch?v=AkkkWxMzi18>.

presidente, todas documentadas e compiladas pela mídia”¹⁶. O ataque à propaganda do Banco do Brasil se insere nessa estratégia de comunicação. O objetivo de Bolsonaro é comunicacional: produzir declarações “fortes” e engajar o seu público no processo contínuo de construção de sua *persona* pública, ao mesmo tempo em que, como num jogo de espelhos, enquadrar o espaço discursivo possível para a configuração da *identidade* e da orientação existencial desse público.

Tendo examinado, ainda que de forma preliminar, as estratégias de mobilização discursiva e a dinâmica de construção de identidades do bolsonarismo, pode-se dizer que Rodrigo Nunes teve uma intuição certa quando escreveu: “a formação da nova direita desde 2013 até o presente, com seus protestos ocasionalmente delirantes e seus pânicos morais talvez tenha sido o maior programa de saúde mental que o Brasil já conheceu” (2022: 91). Restituída a seu contexto, a frase alude ao processo de sobrevivência psíquica em um cenário social de precarização crescente do trabalho e retração das políticas públicas, cenário do qual o Brasil não escapou, como parte do mundo pós-crise de 2008. Pensar os potenciais de emancipação ainda existentes na sociedade brasileira requer abrir espaço para a linguagem daquele “antipúblico” que a linguagem de Bolsonaro pôs à margem. Seguindo a alusão ao romance de Philip Roth, seria preciso deixar soar e criar condições para que seja ouvido o medo daquele que é proscrito socialmente. Retomando a fábula distópica de *Men Against fire*, se o implante neuro-digital da “máscara” permitia ao “usuário” uma captação do ambiente social inteiramente enquadrada pelo imperativo de identificar, perseguir e eliminar os socialmente designados como indesejados, seria possível pensar que o aparato técnico das plataformas digitais permitiu a políticos hábeis no uso da linguagem extremista a formação de enquadramentos do ambiente social determinados por imperativos de mobilização permanente, rivalização e reconhecimento excludente (Cesarino, 2022). Seria preciso, finalmente, agir politicamente em relação a essas plataformas digitais, no sentido de desmontar as “máscaras” de linguagem, afeto e percepção que tem desumanizado aqueles que uma tendência política extremada aponta como indignos de reconhecimento.

¹⁶ A compilação dessas falas, bem como a indicação de suas fontes, está disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/100-frases-homofobicas-jair-bolsonaro/>.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. (2020): *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Editora UNESP.
- ADORNO, Theodor W. (2015): Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: *Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora UNESP.
- ARANTES, Paulo Eduardo (2023): *A fratura brasileira do mundo*. São Paulo: Editora 34, 2023.
- AUSTIN, John (1990): *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Trad. de Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas.
- AVRITZER, Leonardo (2016): *Impasses da democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- AVRITZER, Leonardo (2019): *O pêndulo da democracia*. São Paulo: Todavia.
- BARROS, Thomás Zicman de; LAGO, Miguel (2022): *Do que falamos quando falamos de populismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRÍGIDO, Carolina (2022): “No debate, adversários ignoram que Bolsonaro responde a 4 inquéritos no STF”, *Notícias UOL*, 30/08/2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carolina-brigido/2022/08/30/no-debate-adversarios-ignoram-que-bolsonaro-responde-a-4-inqueritos-no-stf.htm>. Acessado em 22/06/2023.
- BROWN, Wendy (2019): *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia.
- CASTELLAR, Guilherme. “Quais as diferenças entre inquéritos das fake news e das milícias digitais”, *Notícias UOL*, 21/08/2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/08/21/quais-as-diferencas-entre-inqueritos-das-fake-news-e-das-milicias-digitais.htm>. Acessado em 22/06/2023.
- CASTRO ROCHA, João Cezar (2021): *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos.
- CESARINO, Leticia (2021): “As ideias voltaram ao lugar? temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital”. Salvador, *Caderno CRH*, v. 34.
- CESARINO, Leticia (2022): *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora.
- CHALOUB, Jorge; Lima, Pedro Luiz. “Limitar o bolsonarismo a fenômeno 'de baixo para cima' ofusca ação de elites”, *Folha de São Paulo*, 30/03/2023.
- FELTRAN, Gabriel. “Lula ainda não despertou para a contrarrevolução dos jagunços”, *Folha de São Paulo*, 16/03/2023.
- FREUD, Sigmund (2020): “Psicologia das massas e análise do eu”. In: *Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.
- GHERMAN, Michel (2022): “Um crime quase perfeito: bolsonarismo, gramática nazista e os judeus”, *Serrote*, São Paulo: Instituto Moreira Sales, n. 41.

- JÜNGER, Ernst (2002): "A mobilização total", *Natureza Humana*, São Paulo, 4 (1).
- KALIL, Isabela Oliveira (2018): *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro* São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- KLEMPERER, Victor (2009): *A linguagem do terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- LIMA, Juliana Domingos de (2022): "A outra Eldorado", *Ecoa UOL*, 27/10/2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/banana-organica-turismo-sementes-como-quilombos-preservam-mata-em-regiao-de-bolsonaro/#cover>. Acessado em 22/06/2023.
- LYNCH Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique (2022): *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Editora Contracorrente.
- MANSO, Bruno Paes (2020): *A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia.
- MELLO, Patrícia Campos (2020): *A máquina do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NOBRE, Marcos (2020): *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia.
- NUNES, Rodrigo. (2022): *Do transe à vertigem: ensaios sobre o bolsonarismo em um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editora.
- OYAMA, Thaís (2020): *Tormenta: o governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- QUINALHA, Renan. Desafios para a comunidade e o movimento LGBT no governo Bolsonaro. In: VVVA (2019): *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROCHA, Camila (2021): *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: Todavia.
- ROCHA, Camila; SOLANO, Esther; MEDEIROS, Jonas (2021): *The Bolsonaro paradox: the public sphere and right-wing counterpublicity in contemporary Brazil*. Cham: Springer.
- ROTH, Philip (2015): *Complô contra a América*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANTOS, Ynaê Lopes dos (2017): *História da África e do Brasil afrodescendente*. Rio de Janeiro: Pallas.
- SCHWARZ, Roberto (2012): As ideias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34.
- SOLANO, Esther. (2019): "Quem é o inimigo? Retóricas de inimizade nas redes sociais no período 2014-2017". In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (orgs.). *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.
- STARLING, Heloisa M.; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton (2022): *A linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TEITELBAUM, Benjamin R. (2020): *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora da Unicamp.

TRAVERSO, Enzo (2021): *As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte: Âyiné.